

## GESTOS DE INTERPRETAÇÃO DO LEITOR: OS PONTOS DE ENTRADA E DE FUGA NO TEXTO

Vanda Mari Trombetta (UFFS – vandamtt@uffs.edu.br)

**Categoria da apresentação: oral**

**Resumo:**

Na ótica da Análise do Discurso de Linha Francesa, a leitura está imbricada aos “gestos de interpretação” (ORLANDI, 1988) do leitor. Com intuito de pesquisar um tema significativo à educação em diferentes níveis de escolaridade, buscamos neste estudo tecer reflexões tencionando pensar como o leitor encaminha o *gesto de interpretação* a partir da defesa de Orlandi (1988) de que um texto tem diferentes pontos de entrada e de fuga. Tal interesse parte do pressuposto da necessidade de que ao entender o(s) movimento(s) do leitor em um texto, a escola pode auxiliá-lo a produzir outras leituras. Os pontos de entrada são efeitos da relação do leitor com a historicidade do texto, ao passo que os pontos de fuga são o percurso da historicidade do leitor em relação ao texto. Assim, os pontos nos levam a pensar que o texto embora se mostre linearmente – linha após linha e parágrafo após parágrafo – na leitura essa pretensa linearidade não ocorre. De modo que, a depender da forma como os pontos de entrada e fuga ocorrem há uma desestruturação da linearidade proposta pelo autor do texto, indiciando, portanto, os *gestos de interpretação* do leitor.

**Palavras-chave:** leitura, Análise de Discurso de Linha Francesa, ensino.

### Introdução

Na ótica da Análise do Discurso de Linha Francesa (doravante AD), a leitura<sup>1</sup> está imbricada ao “gesto de interpretação” (ORLANDI, 1988) de um leitor<sup>2</sup> que é concebido a partir da história e da ideologia. Gesto de interpretação compreendido como o “lugar em que se tem a relação do sujeito com a língua” e a “relação da língua com a exterioridade” (ORLANDI, 1996, p.46). Lugar e relação em que o leitor significa o texto, com base na representação do que o mundo é para ele; assim, o leitor lê constituído também das relações que construiu com o mundo.

Com intuito de pesquisar um tema significativo à educação em diferentes níveis de escolaridade, buscamos neste estudo tecer algumas reflexões tencionando

<sup>1</sup> Leitura para a AD é vista como “atribuição de sentido” (ORLANDI, 1988a, p.7). Atribuir delega ao leitor uma ação e não passividade.

<sup>2</sup> O leitor não é tomado como indivíduo em particular, mas um sujeito histórico e ideologicamente determinado, que produz gestos de interpretação a partir de um lugar discursivo do qual fala. Ler para Coracini (2001, p.141) “pressupõe um sujeito que produz sentidos, envolvendo-se, dizendo-se, significando-se, identificando-se”.



pensar na relação entre *gesto de interpretação* do leitor e a defesa de Orlandi (1988) de que um texto tem distintos pontos de entrada e distintos pontos de fuga, para na sequência, pensar tais questões para o leitor na escola.

## Revisão de literatura

A leitura de um texto a partir de diferentes pontos de entrada e de fuga, justifica-se na AD pela consideração de que um texto é "uma unidade significante", mas "não-linear" (ORLANDI, 1996, p. 115). De modo que, embora um texto apresente elementos linguísticos linearizados, o sentido desses está implicado ao *gesto de interpretação* do leitor. Assim, a depender da forma como os pontos de entrada e fuga ocorrem, há uma desestruturação da linearidade proposta pelo autor do texto, visto a reconstrução pelo leitor.

Os dois pontos (entrada e fuga) estão imbricados à percepção de que tanto o texto como o leitor devem ser entendidos em uma "perspectiva histórica mais ampla", como explica Orlandi (1988, p.48).

No que concerne ao texto, a história mais ampla está relacionada à relação do texto, com outros textos, as condições de produção (os sujeitos e a situação) e à exterioridade constitutiva (o interdiscurso), de acordo com Orlandi (2001).

Em relação ao leitor é possível pensar a história mais ampla, a partir, por exemplo da realização de um "esboço diacrônico de sua formação", ou seja, o leitor é compreendido não somente no desenvolvimento de sua formação escolar, mas na sua "relação com a linguagem, com o poder e com o conhecimento". É possível compreender, então, a história, nomeada de mais ampla, a partir das "histórias de leitura"<sup>3</sup> (ORLANDI, 1988, p.41) de um leitor, que são determinadas por questões tanto particulares como sociais. A particular afeta a significação que o sujeito atribui ao texto, desde questões relacionadas à semântica, à sintaxe, ao domínio de gêneros diversos ou ao interdiscurso. Em relação ao social, apontam-se desde as diferenças entre grupos em razão das condições de vida do leitor, como em relação à sociedade capitalista da cultura de massa, que, além de homogeneizar os hábitos, desenvolve um ser individualista, centrado do eu, com novas formas de laços sociais, o que certamente afeta a significação (BIRMAN, 2000). Ainda para Birman (2000) o sujeito, sob o efeito do individualismo e da autonomia, julga-se soberano em suas ações. Soberania que afeta o leitor em relação com outros sujeitos no texto. Essas considerações em relação ao particular e ao social indiciam-nos os *gestos de interpretação*<sup>4</sup> como marcas da relação do leitor com a língua e a exterioridade, vistas a partir da relação com um ponto de entrada do texto e o ponto de fuga do texto.

Podemos considerar, segundo Orlandi (1988) que a seleção de um ponto de entrada é efeito da relação do leitor com a historicidade do texto, ao passo que o ponto de fuga é o percurso da historicidade do leitor em relação ao texto.

<sup>3</sup> Orlandi (1988) reforça em seus trabalhos que as histórias de leitura são constituídas de múltiplas formas de linguagem, portanto além do texto escrito outras formas de linguagem contribuem para sua constituição.

<sup>4</sup> O gesto de interpretação do leitor se dá pelo dispositivo ideológico, com seu efeito de evidencia, razão que faz a AD considerar que o leitor está sob o "efeito do apagamento da alteridade" (ORLANDI, 1996, p.84).



Os *gestos de interpretação* estariam, assim, imbricados ao ponto de entrada e ao ponto de fuga. Gestos que produziram sentidos que estariam entre os já estabilizados (os já esperados) e os desestabilizados (os inesperados). Desestabilização que poderia se dar desde a resignificação de um termo, ou ainda, por uma “nova configuração argumentativa a uma antiga questão da tradição; ou, sobretudo, uma relação inesperada entre a tópica de um texto e os lugares comuns do discurso” (FABRINI, 2005, p.18). É o acontecimento na leitura que evoca, desloca e atualiza os discursos e sentidos.<sup>5</sup>

Assim, os pontos nos levam a pensar que o texto embora se mostre linearmente – linha após linha e parágrafo após parágrafo – na leitura essa pretensa linearidade não ocorre.

## Resultados e Discussão

Pensando no aporte teórico que estabelecemos para este estudo, podemos considerar que uma primeira implicação para o trabalho de leitura, em sala de aula, seria pensar nos *gestos de interpretação* como inerentes à leitura, logo, um texto, por consequência, passa a compreender diferentes leituras. Diferentes leituras que são também resultados dos pontos de entrada e fuga que o leitor estabelece.

Assumida a implicação, seria possível ao professor mapear os diferentes pontos de entrada percorridos por outros leitores e especificar que histórias de leituras já realizadas configuram certos sentidos. Nessa consideração, ainda poder-se-ia provocar o leitor, nas palavras de Orlandi (1988, p.45) a trabalhar com “sua própria história de leitura”, visto modificar-se-ia as condições de produção da leitura do aluno, especificando que o aprendizado da leitura ocorre no decorrer da vida.<sup>6</sup> Ou ainda, considerando que o *gesto de interpretação* do leitor acontecendo pelo dispositivo ideológico seria significativo trazer outros elementos para mostrar ao leitor o “efeito do apagamento da alteridade” (ORLANDI, 1996, p.84) e “produzir condições para que se dê a duração de um encontro (ZOPPI-FONTANA 2007).

O encontro a que nos referimos é o encontro entre diferentes sujeitos -- o autor e o leitor, o que levaria o leitor a verificar outras leituras para o texto. Também, seria possível discutir as histórias de leituras do próprio texto na sociedade e mesmo em sala de aula procurando resgatar, por exemplo, as relações intertextuais.

## Conclusões

A temática de que tratamos nesse estudo, a leitura, pode ser pensada de modo múltiplo, desde uma teoria em específico, ou a partir de diferentes teorias. Neste estudo a opção teórica se deu alicerçada pela AD, uma teoria que possibilita repensarmos como ocorre produção de leitura e estabelecermos conhecimento sobre uma das atividades mais significativas no fazer escolar. Propor diferentes conhecimentos imbrica pensar que se o *gesto de interpretação* é inerente ao leitor, é a escola que poderia propor atividades em leitura para refletir sobre esses gestos.

<sup>5</sup> O que não quer dizer que não há uma determinação histórica dos sentidos de um texto.

<sup>6</sup> Orlandi (1988, p.49) estabelece que do mesmo modo que “não há grau zero na leitura, assim como não há grau dez”, visto que o aluno-leitor não pára de aprender a ler num momento dado.



## Referências

- BIRMAN, J. A. *O mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- Coracini, M. J.. Heterogeneidade e leitura na aula de língua materna. In: Coracini; Pereira (Orgs.) *Discurso e sociedade: práticas em Análise do Discurso*. Pelotas: Educat, 2001, p.137-154.
- FABRINI, Ricardo Nascimento. *Ensino de filosofia: a leitura e o acontecimento*. Trans/Form/Ação, São Paulo, 28(1): 7-27, 2005.
- ORLANDI, E. P. As histórias de leitura. In: \_\_\_\_\_. *Discurso e leitura*. Campinas: Cortez, p.41-47, 1988.
- \_\_\_\_\_. O inteligível, o interpretável e o compreensível. In: \_\_\_\_\_. Campinas: Cortez, p.101-117, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Discurso e texto: circulação de sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, M. (1969). Por uma análise automática do discurso. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.). *Análise do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- ZOPPI-FONTANA, M.G. IV SEAD Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Vol. 1, p.1-3, São Carlos, SP, BRASIL, 2007.

